

A identidade visual e o fotojornalismo atingem novos patamares com a introdução de sistemas modulares e da digitalização do processo de produção em um jornal diário¹

Prof. Dr. Walter Teixeira Lima Junior²

Resumo

O artigo analisa as modificações ocorridas no processo de planejamento visual dos jornais impressos, com periodicidade diária, devido à introdução das tecnologias modulação eletrônica de notícias e imagens, além do advento da fotografia digital. Essas ferramentas contribuíram para diminuição dos prazos de fechamento, fatores críticos em uma produção industrial, inverteram procedimentos de edição e padronizaram os elementos visuais, que contribuem na consolidação da identidade visual da publicação, um dos fatores decisivos de diferenciação perante a concorrência.

Palavras-chave: jornalismo, planejamento gráfico, fotojornalismo, editoração eletrônica, tecnologia.

¹ Artigo apresentado ao NP de Jornalismo, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Pós-doutorando na Universidade Metodista de São Paulo. Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes (USP). Trabalhou como editor-geral de Internet do Grupo A Tribuna de Santos. É professor nos cursos de Mídia Digital e Rádio e TV da Universidade Metodista de São Paulo e também docente do Programa de Pós-graduação da Cáspes Líbero, analista de comunicação da Assessoria de Imprensa da Reitoria da USP.

Introdução

O formato utilizado para imprimir um texto no livro foi usado de maneira metafórica na produção do primeiro jornal contendo informações jornalísticas. Isso ocorreu em outubro de 1605³, com o "Relation", editado por Johann Carolus. Desde então, o texto tornou-se o principal elemento visual na compreensão de notícias nas publicações impressas (jornais, revistas e boletins).

Durante quatro séculos, o texto manteve a sua hegemonia como importante fator explicação da notícia. Porém, outros elementos visuais, como a fotografia (fotojornalismo), foram sendo paulatinamente introduzidos na produção de veículos noticiosos impressos. Distribuídos espacialmente nas páginas, com o objetivo de tornar o conteúdo mais contextualizado, os elementos de imagem melhoram o entendimento, pelo leitor, do fato noticioso.

Portanto, o surgimento e introdução de novas descobertas tecnológicas no campo da informação visual, aparentemente, favoreceu o aumento da capacidade de cognição⁴ do leitor, além de fornecer veracidade à notícia publicada.

O conjunto de elementos informativos colocados tecnicamente em uma página impressa, com o propósito de facilitar a compreensão da notícia, é denominado de desenho jornalístico, diagramação ou planejamento gráfico.

O desenho jornalístico é definido por Jesús Canga Larequí⁵ como a técnica que permite determinar a situação do conjunto de elementos impressos (textos e ilustrações) e não-impressos (brancos) sobre a superfície de um espaço gráfico (página) com o fim de estruturar, hierarquizar e facilitar a legibilidade das informações jornalísticas.

Os profissionais que são responsáveis, juntos com os editores, na realização de tais tarefas, são conhecidos como: diagramadores, planejadores gráficos, infografistas ou newsdesigner.

Todos os elementos visuais dispostos com o objetivo de informar uma notícia é considerado como Design da Informação. Nos EUA, o profissional que realiza essa tarefa é conhecido como Newsdesigner. Para a Sociedade Brasileira de Design da

³ COSTA, Luciano Martins. **Quatro séculos de jornalismo**. Observatório da Imprensa, 8 de março de 2005. <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=319MCH001>. Acessado em 12 de março de 2005

⁴ A cognição é um processo em que pode haver, pelos indivíduos, uma visão unitária dos processos mentais, onde o aprendizado se dá pela apreensão dos dados e do conhecimento imediato de um objeto mental. A cognição é derivada da palavra latina cognitione, que significa a aquisição de um conhecimento através da percepção. É o conjunto dos processos mentais usados no pensamento e na percepção, também na classificação, reconhecimento e compreensão para o julgamento através do raciocínio para o aprendizado de determinados sistemas e soluções de problemas. Retirado de <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cogni%C3%A7%C3%A3o>. Categorias de páginas: Psicologia

⁵ LAREQUI, Jesus Canga. **El diseño periodístico en Prensa Diária**. Barcelona: Tesys, 1994, p26

Informação⁶, o design da Informação objetiva equacionar os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos que envolvem os sistemas de informação através da contextualização, planejamento, produção e interface gráfica da informação junto ao seu público-alvo. Seu princípio básico é o de otimizar o processo de aquisição da informação efetivado nos sistemas de comunicação analógicos e digitais.

A introdução desses elementos tornou possível obter, por empirismo, uma técnica de arranjo visual que se transformou, posteriormente, em modelos. Podemos considerar quatro grandes avanços tecnológicos relacionados ao campo visual nos meios de comunicação pública: a gravura, a fotomecânica, o cabo e a digitalização.

A utilização de informações paralinguísticas, como colunas de textos, fios, tarjas, conteúdo hierarquizado e a manipulação dos tamanhos das fontes (corpos) utilizadas para manchetes, títulos e legendas foram os primeiros elementos introduzidos no jornal que sinalizaram que esse meio físico impresso iria formar uma nova linguagem, se distanciando do formato livro.

Apareceram, então, na composição visual do jornal, outros elementos gráficos que introduziram o desenho como forma de aprimorar a cognição da notícia relatada em texto, como as primeiras ilustrações.

A publicação de ilustrações gravadas nos jornais remonta ao seu próprio aparecimento na história. Os mais antigos panfletos e jornais de publicação regular (primeira metade do século XVII) assemelhavam-se aos livros daquela época e continham vinhetas e gregas decorativas gravadas.

Já o primeiro mapa publicado na imprensa apareceu em 29 de março de 1740, no impresso Daily Post, de Londres. Trata-se de uma gravura com informação sobre o ataque do almirante inglês Vernon à cidade, então espanhola, de Puertobello, nas Caraíbas, durante uma incursão inglesa contra o tráfico de ouro espanhol.

Harold Evans e Edwin Taylor situam o aparecimento do primeiro gráfico informativo na capa da edição, de 7 de Abril de 1806, do The Times de Londres. Trata-se da informação sobre o assassinato de “um tal” Isaac Blight. The Times publica duas imagens ao alto da página: uma vista da casa de Blight nas margens do Tamisa e, por baixo, um plano da casa, com referências numeradas e os passos dos assassinos, Richard Path, desde onde estava escondido até ao lugar em que disparou a sua arma. Também

⁶ www.sbdi.org.br

aparece a trajetória da bala e o local onde estava Blight e onde caiu morto. Em rodapé aparecem as explicações dos números de referência do gráfico.

Marice Horn e Mark Monmonier citam um caso anterior, na edição de 9 de maio de 1754 do *Pennsylvania Gazzete* de Benjamin Franklin. Ali se publica o que poderíamos chamar a primeira ilustração, ou a primeira mensagem visual num meio de comunicação pública. Tratava-se de uma vinheta: uma serpente cortada em oito partes, cada uma das quais representa (segundo uma ordem geográfica) oito dos primeiros Estados da União, com a legenda *Join or Die* (união ou morte). A gravura baseava a sua mensagem na crença, então comum, de que uma serpente pode conservar a vida se pouco depois de ser cortada em pedaços voltar a unir suas partes. Trata-se sem dúvida do primeiro *cartoon*, mas também se pode considerar o primeiro mapa de imprensa pela sua ordem geográfica e a primeira manifestação da linguagem jornalística visual, nem lingüística nem paralingüística⁷.

Já a invenção de Samuel Morse permitiu o aparecimento em 1 de abril de 1875, do primeiro mapa meteorológico publicado no jornal *The Times*, de Londres. Segundo Gonzalo Peltzer⁸, era um mapa linear que incluía, além das Ilhas Britânicas, uma grande parte do continente europeu. Sobre ele estavam traçadas as isóbaras para mostrar os dados de pressão, setas com a direção dos ventos, pontos que indicavam mar calmo. Até o aparecimento do telégrafo, comunicação e transporte estavam inseparavelmente unidos.

Porém, foi com a introdução da fotografia, inventada em 1.839, que o meio de comunicação impresso ganhou mais credibilidade. Foi no "*Daily Herald*", de Nova York, em 1.880, que a fotografia se tornou a principal aliada do texto no aspecto veracidade.

Assim, o aprimoramento visual dos periódicos foi melhorando na medida em que novos elementos tecnológicos eram introduzidos no seu fazer, como o uso de novos elementos visuais, como por exemplo, a cor.

Mas foi com a introdução dos computadores nas redações de jornais e revista, em solos estadunidense e europeu, na década de 70, que a produção destas publicações em escala industrial teve a sua transformação mais significativa. O objetivo inicial era auxiliar na produção de textos e criar bancos de dados.

⁷ PELTZER, Gonzalo. **Jornalismo Iconográfico**. Madrid: Planeta Editora, 1991, p106-107

⁸ *Ibid.*, p. 110

No Brasil, o jornal Folha de S.Paulo foi o primeiro no Brasil a introduzir terminais de computador em suas redações. O projeto foi efetivado em 1983. Os terminais de vídeo na redação da Folha vieram abolir definitivamente a máquina de escrever. Já o jornal Gazeta Mercantil, também de São Paulo, aliado às telecomunicações em seu sistema de impressão, transmite fac-similes através de leitura a laser, com definição máxima de detalhes para arte-final na página de prova.

Assim, o jornal é reproduzido em sua sede, São Paulo, e transmitido via satélite para o Rio de Janeiro, Salvador, Brasília e Porto Alegre, sendo que cada uma destas cidades recebe um edição diferente e regionalizada. Simultaneamente. A exemplo da pioneira Folha, os jornais O Globo, o Diário Catarinense, A Tribuna, o Zero Hora, o NH e O Estado de S. Paulo procuraram adaptar-se à nova era do jornalismo através da informática.⁹

A decisão de informatizar-se obedeceu, como descreve o seu diretor-executivo, então, Luciano Ornelas, *a idéia de que o jornal que não se adaptasse aos novos tempos certamente acabaria. Os custos de produção cresceram de tal maneira que não havia outro caminho a não ser a informatização.* (VIANNA, 1992, p. 52)

Também consciente da necessidade de modernização, o jornal O Estado de S.Paulo instalou, em 1987, o seu primeiro grupo de computadores na área de produção, considerada a mais difícil pelo engenheiro industrial de Informática, José Bazaga. Na redação, os terminais de vídeo foram instalados primeiro nas editorias que tinham o prazo de fechamento mais tarde, seguidas pelas de Economia e Política.

Outro fato importante que marcou a informatização da imprensa brasileira foi a introdução dos equipamentos interligados em rede para dar suporte à realização de uma grande cobertura esportiva.

Em junho de 1986, a editoria de esportes cobriu a Copa do Mundo, no México, totalmente através de terminais de vídeo e de terminais portáteis hoje muito utilizados pelos repórteres tanto em coberturas locais como em qualquer parte do mundo. Eles funcionam com quatro pilhas pequenas ou energia elétrica. Podem guardar em seus arquivos 19 nomes (retrancas) de reportagens num total de cerca de vinte laudas datilografadas. Sua conexão com os computadores da redação é feita por via telefônica a uma velocidade até 190 vezes maior que a de um telex comum. (VIANNA, 1992, p. 84)

⁹ VIANNA, Ruth Penha Alves. **Informatização da imprensa brasileira.** São Paulo :Edições Loyola, 1992, p. 24.

Após a introdução dos computadores na redação, visando agilizar a produção de texto e formação de banco de dados, os computadores evoluíram e ganharam mais capacidade de processamento, essencial para que pudessem rodar programas gráficos.

Foi na década de 80, que começou a surgir os programas de computadores para editoração de material gráfico. Era o início da Editoração Eletrônica¹⁰. O advento da editoração eletrônica possibilitou que a produção visual do jornal diário passasse de artesanal para um processo industrial.

O processo tradicional de montagem visual do jornal era composto pela diagramação¹¹, composição (fotos e textos), montagem (Past-up) e produção dos fotolitos¹².

Os utensílios do diagramador eram as amplas folhas de diagrama, a régua de paucas, as tiras de fotocomposição, a malcheirosa cola de benzina, preocupações com o papel adequado para a impressão, prova heliográfica e o fotolito.¹³

A editoração eletrônica permitiu que esse processo fosse executado com mais velocidade e algumas etapas foram suprimidas, como composição e montagem.

Programas como o Page Maker (ambiente Macintosh -1985), Corel Ventura (ambiente DOS/GEM- 1986) e mais tarde o Quark X Press (ambiente Macintosh– anos 90) foram os paginadores mais utilizados no início da era da editoração eletrônica. No tratamento de imagens, o Photoshop se tornou o principal programa.

A junção da Apple Macintosh e o Page Maker permitiu sincronismo de edição tipográfica usando uma interface gráfica amigável, sistema que ficou comumente conhecido como “O que você vê e o que você obtém” (What You See is What You Get - WYSIWYG).

A editoração eletrônica começou em 1985, com a conjunção entre a Aldus PageMaker (que mais tarde foi adquirida pela Adobe Systems), a Apple Macintosh, a impressora Apple Laser Writer, a primeira impressora a laser a usar o Adobe Systems' PostScript, incluindo fontes no formato Type 1.

¹⁰ União de texto e imagens feita num computador através de um ou mais softwares

¹¹ Desenhar previamente a disposição de todos os elementos que integram cada página do jornal, ordenando conforme uma orientação pré-determinada dos títulos, textos, legendas, fotografias e os anúncios, indicando o número de colunas das matérias e outras especificações complementares.

¹² Negativo revelado utilizado na gravação de chapas para impressão

¹³ AMADEU Jr, Ricardo. **Diagramação Eficaz**. São Paulo: Comarte, 2002, p 12

Essas peças, interligadas, forneceram flexibilidade e velocidade superiores aos sistemas de composição utilizados anteriormente, reduzindo o tempo na produção da publicação e permitiam desenhos de páginas bem mais elaborados.

Porém, na década de 90, começa outra modificação substancial no processo de produção do jornal diário, a introdução de sistemas de modulação editorial, que facilita o processo produtivo do veículo.

Essa inovação no processo de produção dos jornais garante que a identidade visual proposta (projeto gráfico) não seja alterada, pois os sistemas comportam mais de duas centenas modelos de páginas (templates), integra todos os setores de produção (texto, fotografia, arte e comercial), que visualizam a confecção da página em tempo real.

A modulação é a padronização dos tamanhos de anúncios e, por conseguinte, a padronização dos tamanhos de matérias editoriais. As vantagens deste método são as seguintes: reduz os custos para agências de publicidade e para anunciantes. O módulo padrão deve ser negociado entre os diversos veículos da região e entre os agentes do mercado, para que todos usem as mesmas medidas.

Facilita e agiliza a diagramação: o veículo pode ter algumas centenas de páginas pré-diagramadas em suas bibliotecas de páginas, prontas para serem preenchidas com as notícias do dia (O jornal Zero Hora, de Porto Alegre, tem cerca de 200 páginas pré-diagramadas)¹⁴

A Unisys, fabricante do Hermes, sistema utilizado em várias redações de jornais do Brasil (Estado de S. Paulo) e no Exterior, afirma que o seu sistema modular realiza a integração dos processos de produção editorial de jornais e revistas, integrando as informações das áreas de produção do jornal (redação, produção, fotografia e arte), tornando eficaz o gerenciamento delas.

O ambiente, criado por esse sistema, possibilita ao editor do jornal visualizar todas as etapas de produção do jornal - desde a chegada de matérias das agências e da produção inicial de textos até o fechamento da edição para a gráfica, com inclusão de fotos, arte e ilustrações. A atualização é visualizada em tempo real e promove uma considerável economia de tempo¹⁵

¹⁴ DA ROCHA, Meira. **Modulação comercial e editorial** <<http://meiradarocha.jor.br/index.pl/modulacao>> Acessado em 15 de julho de 2005.

¹⁵ **Unisys fornece solução de tecnologia para 10 publicações.**

<http://www.unisys.com.br/news/imprensa/release272.htm>> Acessado em 15 de julho de 2005.

Outro sistema utilizado no Brasil e concorrente do Hermes é o Good News. Ele é fabricado pela empresa italiana Software House, e é ferramenta de diagramação no O Globo, por exemplo.

Desenvolvido especialmente para ambientes de jornais e revistas, incorpora uma tipografia, composição em múltiplas colunas, edição de tabelas, utilização de comandos definíveis pelo usuário, através de uma linguagem de macros simples e flexível, além de apresentar facilidades como justificação automática, ajuste interativo de fontes e formatos e compartilhamento simultâneo de textos.

Ele permite flexibilidade, simplicidade e integração de sistemas nesta área, compatível com qualquer computador da linha PC. O Sistema GoodNews é basicamente composto pelos módulos: paginador, editor de textos, gerenciador de textos, gerenciador de páginas e sistema de troca de mensagens.¹⁶

Importância da padronização visual

Mario Garcia, atualmente integrante do Instituto Poynter (Tampa-EUA), foi um dos pioneiros no estudo sistematizado de desenhos de jornais. No seu livro *Diseño y Remodelacion de Periódicos*, o planejador gráfico cubano, radicado nos EUA, aponta a modificação do processo de planejamento, já nos anos 70, onde o aspecto gráfico começa a se tornar algo fundamental para uma publicação diária.

Isso não quer dizer que nos anos 60, o planejamento gráfico não era algo importante. Mas era realizado em função dos outros elementos contidos na produção do jornal, principalmente, do espaço destinado ao texto. No Brasil, podemos destacar duas publicações que na época impactaram os seus leitores através de reformulações gráficas: *Jornal do Brasil* e *Jornal da Tarde*.

O desenho irregular, utilizado durante muitos anos por grandes diários mundiais, seguindo o velho método de estruturar a página de uma forma quase casual, desapareceu e deu lugar a uma sistema que estrutura todo o conjunto de informações através de um sistema modular. O desenho modular serve para levar a cabo o que Evans denomina a comunicação organizada das idéias e não deixa acontecer a proliferação de esquemas de forma livre.¹⁷

A partir desse novo modelo, os responsáveis por algumas publicações de tradição começaram a se preocupar mais com a identidade visual dos seus jornais. Para isso, uma nova forma pensar o negócio jornal teria que ser implementada.

¹⁶ **GoodNews - Software para jornais, revistas e publicações.** <<http://www.terabrasil.com>> Acessado em 15 de julho de 2005.

¹⁷ LAREQUI. Jesus Canga. *El diseño periodístico en Prensa Diária*. Barcelona: Tesys, 1994, p46

*Ter uma mentalidade gráfica não requer atrair o leitor em cada uma das páginas com uma utilização atrativa, provocativa, bem disposta de fotos, tipografia e ilustrações. Significa, e isto é muito mais importante, a criação de um sentido de identidade gráfica e de continuidade, que deve se refletir em todas as páginas e em todos os números do periódico.*¹⁸

Atualmente, a criação e manutenção da identidade visual do jornal se tornaram tão importante para qualquer grande jornal diário, que há sistemas modulares informatizados, como o Hermes e GoodNews, e a introdução e formação de Departamentos de Arte dentro das redações. Eles têm a missão de garantir a homogeneidade da publicação.

Para Fabio Sales¹⁹, responsável pelo Departamento de Arte do Estado de S. Paulo, o importante é como se apresenta a informação.

*Os processos modulares só acrescentam ao jornal, pois garantem a identidade da publicação como produto industrial, como se fosse uma embalagem de iogurte. O jornal não pode ser mais feito como um produto artesanal, que propicia uma repetição de soluções. Portanto, com os processos modulares, se tem mais tempo para pensar e não somente o que se vai publicar.*²⁰

Porém, para Fabio Sales, não basta realizar uma reformulação no desenho do jornal, criando um projeto visual, se o jornal não buscar identidades locais. Para ele, a adaptação de modelos utilizados em jornais de outros países é um erro. “Cito como exemplo o Correio Braziliense, que colocou uma tarja azul degrade na parte superior da capa. Ela faz a alusão ao céu de Brasília, conhecido como Mar de Brasília. Portanto, uma boa cobertura local proporciona a inclusão de uma identidade visual mais próxima da realidade do leitor”, diz.

Para o diagramador do Estadão, Gustavo Tortelli²¹, trabalhar com os softwares modulares não limita a sua condição de criar. Segundo ele, o Hermes é muito melhor do que Atex (Kodak). “O sistema era horrível”, afirma.

*Com o Hermes, faço a página mais rápida. Não tenho limitações, mas não posso sair das orientações do Projeto Gráfico. Por exemplo, apenas posso colocar títulos coloridos nos suplementos, como o Estadinho, e no Caderno 2. É obvio que gosto de criar uma página, mas tem que respeitar o padrão (identidade do jornal).*²²

¹⁸ GARCIA, Mario. **Diseño y Remodelacion de Periodicos**. Pamplona: Grafínasa, 1984, p 28

¹⁹ Formado em Desenho Industrial pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), com habilitação em Programação Visual. Trabalhou no projeto Ataque, do jornal o Dia (RJ), no O Globo e no Correio Braziliense, quando participou da equipe de Chico Amaral, realizando um inovador projeto gráfico.

²⁰ Entrevista concedida ao autor, na redação do Estado de S. Paulo, no dia 27.07.2005

²¹ Diagramador há oito anos. Formado em Engenharia Eletrônica e quando realiza trabalhos free-lancer utiliza dos paginadores Quark X Press e In Design.

²² Entrevista concedida ao autor, na redação do Estado de S. Paulo, no dia 27.07.2005

Com os sistemas modulares, Tortelli consegue planejar entre 15 a 20 páginas por dia, gastando de 5 a 10 minutos em cada uma. Depois de modular uma página, o diagramador, juntamente com o editor, a libera no sistema, interligado por uma intranet, para que os repórteres, daquela editoria, insiram seus textos.

O espaço destinado ao texto é visualizado pelo jornalista, que o coloca diretamente na página. Portanto, tem visualmente, a noção exata de como ele ficará disposto quando a página for impressa.

Então, o processo de edição de uma página, de um jornal diário de grande porte, teve fortes modificações no processo de edição, depois da introdução dos sistemas modulares, interligados por redes internas de computadores (intranet).

Antes se editava com as laudas de texto (com o tamanho definido) e o copião de fotos nas mãos do editor. Hoje, com o sistema modular, se tem a foto (disponível na rede para escolha) e o texto ainda está sendo produzido. Ou seja, o espaço é deixado para o repórter, que o preenche. O espaço em linhas já foi determinado pela editora, após a escolha do tipo de modulação e das imagens que serão utilizadas na página.

Entretanto, apesar da importância das páginas internas para consolidação da identidade visual da publicação, o bom desenho da capa do jornal diário é fundamental para que o leitor tenha um bom primeiro contato visual com o jornal.

A primeira página de um jornal é o primeiro elemento que indica ao leitor qual será o conteúdo da publicação, estabelece a identidade e mostra quanto o jornal está sintonizado com os últimos acontecimentos. Segundo Larequi, a primeira página é tão fundamental que o leitor fica predisposto a ler mais ou menos o jornal em função da impressão que lhe produza a primeira página.

Na batalha diária por produzir uma melhor primeira página do que seu concorrente, os jornais, apesar da implantação dos sistemas modulares, permitem certa flexibilidade, mas que também, como no caso das páginas internas, se respeite o projeto gráfico do jornal.

Arnaldo Affonso²³, responsável pelo fechamento gráfico da primeira página do Estado de S. Paulo, afirma que sempre procura fazer algo diferente, deixando bem claro

²³ Profissional autodidata desde 1983, quando começou a produzir boletins de entidades comunitárias e jornais de bairro. Está no Estadão desde 1994.

para o leitor o que a publicação acredita que sejam os principais assuntos do dia. Para isso, valoriza tanto o tamanho dos títulos como o das fotos. Porém, Arnaldo faz uma ressalva:

Não pensamos em fazer uma primeira página bonitinha porque vende mais. O que visamos, é mostrar o que é mais importante para o país, para o futuro da gente. As pesquisas que realizamos com o leitor, indicam que ele não gosta que se fuja do projeto gráfico.²⁴

Essas mesmas pesquisas, segundo Arnaldo Affonso, indicam que o leitor gosta de cor nos jornais e gráficos mais coloridos. Para ele, a inserção de mais elementos gráficos na composição de uma página proporciona uma melhor condução do olhar do leitor na página. “Acredito que hoje nos temos que conduzir o olhar do leitor, pois temos muitos elementos gráficos que ajudam nessa tarefa”, explica.

Na opinião do diagramador da primeira página do Estadão, se deve sempre redesenhar os jornais, deixando-os mais modernos, pois o leitor evolui no seu conceito de design moderno. “Antes não tínhamos espaço em branco na primeira página. No novo projeto colocamos mais brancos entre as chamadas. No início estranhei, mas agora, me adaptei ao novo visual. Creio que o leitor também age assim”, diz.

Já a editora do caderno de Negócios, Nair Suzuki²⁵, que orienta uma equipe de cinco pessoas e fecha de 3 a 4 páginas por dia dentro do Caderno de Economia, reflete que inegavelmente a tecnologia facilitou o seu trabalho.

Prefiro nem lembrar. Tinha que colar uma lauda na outra. Eu utilizava um gomeiro que ficava em cima da mesa. Era um processo demorado, pois usávamos a máquina de escrever. Portanto, não podia fazer rasura, pois isso poderia implicar em mal entendido na hora de compor o texto.²⁶

Suas funções, como editora, é pautar o jornalista, acompanhar o andamento do material produzido por eles, escolher as fotos, o tamanho do texto, hierarquizar a notícia e planejar graficamente as páginas, juntamente, como o diagramador.

Posso até criar. Porém, temos um projeto novo funcionando há um ano e ele não está terminado totalmente, estamos o aperfeiçoando. Qualquer projeto gráfico, que permite

²⁴ Entrevista concedida ao autor, na redação do Estado de S. Paulo, no dia 27.07.2005

²⁵ Tem 33 anos de experiência na atividade jornalística. Começou como estagiária na sucursal do Jornal do Brasil, em 1963. Trabalhou na Gazeta Mercantil e por três vezes na Folha de S. Paulo, no total de 13 anos de serviços ao jornal, passando pelo Folhã e editoria de Geral. Trabalhou nas revistas Isto É, Afinal e Fiesp e em duas passagens pelo Estadão, completou 8 anos de casa.

²⁶ Entrevista concedida ao autor, na redação do Estado de S. Paulo, no dia 27.07.2005

*dar identidade ao jornal, tem limitações. Não podemos abrir a matéria com várias fotos, por exemplo, fazendo uma edição que o leitor pudesse comparar as imagens*²⁷

Por isso, Suzuki afirma que há certa frustração, pois não pode colocar ali o que ela imaginou, que, segundo a editora, tornaria o assunto mais atraente, chamando mais a atenção do leitor. Mas ressalta: “o que nos limita é o projeto gráfico e não o sistema implantado, no caso o Hermes”.

Outro ponto que deixa a veterana editora preocupada na hora de planejar as páginas é a questão comercial do jornal. “Reconheço a publicidade como importante para sustentação comercial do negócio jornal, mas com uma página totalmente branca (sem blocos de publicidade), posso criar mais, idealizar melhor. Irrita-me quando a publicidade atrapalha o espaço para criar, mas o desafio passa a ser criar dentro do espaço que sobra. Harmonizar a parte editorial com a publicidade”, explica.

Com a modulação e a digitalização, a fotografia atinge novos patamares

É certo que o processo de produção da área de fotojornalismo mudou muito desde a utilização da primeira foto em jornal, em 1880. Mas, somente há pouco tempo que a fotografia jornalística conseguiu atingir um patamar diferenciado na questão relativa à sua importância dentro de um planejamento gráfico em um jornal diário. Sua função, por muito tempo, se limitou a ilustrar as histórias.

*Os jornais utilizam as fotografias para ilustrar histórias, como objetos com interesse próprio, e para auxiliar a paginação. Retratos de uma só coluna podem ser utilizados para quebrar o que, de outra forma, seria uma grande extensão de texto. A necessidade de combinar histórias com fotografias é da responsabilidade da paginação.*²⁸

O texto sempre foi o principal elemento visual em um jornal diário. No seu livro pioneiro, *Diseño y remodelacion de periódicos*, Mario Garcia, afirma que a foto que serve para diversos tipos de paginação tem mais valor do que a só pode ser utilizada de uma única forma. Em algumas situações, a foto determina o desenho da página, mas a maior parte dos desenhos é determinada pelo texto. (GARCIA, 1984). Essa concepção vigora por muito tempo, mesmo tendo reconhecimento da importância editorial da fotografia.

²⁷ Entrevista concedida ao autor, na redação do Estado de S. Paulo, no dia 27.07.2005

²⁸ KEENE, Martin. **Fotojornalismo: guia profissional**. Lisboa: Dinalivro, 2002, pág. 204

*Martin Aguado assegura que a fotografia sintetiza o conteúdo de uma informação jornalística: oferece ao leitor elementos evidentes de autenticidade e tem um grande poder de convicção.*²⁹

Contudo, a fotografia jornalística, devido ao processo artesanal da confecção do jornal, era utilizada sem levar em consideração a importância editorial do material fotográfico produzido. Servindo, muitas vezes, de “tapa buracos”.

*Por vezes, uma página tem de ser concebida antes do seu editor ter visto a fotografia; pode ainda estar a ser revelada ou transmitida. É importante perguntar ao fotógrafo qual é o formato da melhor fotografia desse trabalho, para ser deixado um espaço correspondente na página. Menos aceitável é ter de se utilizar a fotografia em função do espaço deixado, e não do seu conteúdo, ou que tenha de se fazer um mau reenquadramento para que a fotografia caiba no espaço disponível.*³⁰

Mas Kenneth Blum alude à importância do material gráfico: as fotos informam tanto quanto o material escrito e, por tanto, deverá ser tratada com o mesmo respeito, nem mais, nem menos. (LAREQUI, 1994). Com a importância do fotojornalismo para o jornal diário comprovada, faltava ao fotojornalismo aliados que o tirasse da condição de coadjuvante no processo de produção do jornal. Um desses aliados foi a televisão.

*Na década de 70, a competência da televisão começa a inquietar seriamente os jornais diários, fazendo que o desenho e o aspecto visual, em geral, alcançassem sua dimensão dentro do conjunto da imprensa diária. E dentro do desenho, o uso da fotografia.*³¹

Outro fator importante foi à introdução da cor nos jornais diários. Para Arnaldo Affonso, a chegada da impressão colorida, a fotografia adquiriu um espaço como nunca teve. A chegada dos sistemas de diagramação modulares também foi outro fator que ajudou o fotojornalismo em jornal diário a conquistar o seu espaço. Eles garantem que o projeto gráfico da publicação seja mantido, isso quer dizer, que a imagem terá destaque em relação aos os outros elementos dispostos na página.

Mas nada citado anteriormente se compara a digitalização do processo fotográfico e a propagação do material coletado através de redes wireless.

Para Wilson Pedrosa³², editor de Fotografia do Estado de S Paulo, a tecnologia ajudou muito a projeção da sua atividade profissional.

²⁹ LAREQUI, Jesus Canga. **El diseño periodístico en Prensa Diária**. Barcelona: Tesys, 1994, p119

³⁰ KEENE, Martin. **Fotojornalismo: guia profissional**. Lisboa: Dinalivro, 2002, pág. 204

³¹ LAREQUI, Jesus Canga. **El diseño periodístico en Prensa Diária**. Barcelona: Tesys, 1994, p118

*A modificação do processo de produção da fotografia para digital e sua transmissão wireless (sem fio) nos permitiu antecipar. Ou seja, a fotografia, agora, impõe o desenho da página. Antes elas eram as últimas a serem vistas pela edição. Hoje, são as primeiras. Quando mais cedo a foto chegar à mão do editor, mais ocupará espaço dentro da página. Quando chegava depois do texto, a foto se encaixava no buraco que estava ali. Priorizava-se o texto e a foto se encaixando no buraco. O texto acompanha a foto e não a foto acompanha o texto. O nosso desafio é esse. A tecnologia também ajudou a fotografia não ser engolida pelo tempo disposto pelas áreas industrial e de circulação*³³

Para atingir esse patamar de eficiência editorial, o Estado de S. Paulo adquiriu há um ano, visando acompanhar a reformulação gráfica do jornal, 40 kits contendo, cada um, uma máquina fotográfica digital (Canon EOS 1D Mark II), três cartões de memória, um flash, cinco lentes, um notebook com sistema de transmissão sem fio Wi-Fi e rádio Nextel.

Pedrosa conta que o planejamento do trabalho fotográfico ficou mais fácil depois da introdução dos equipamentos, apesar do desafio editorial de ser competitivo, mas sem ser igual. “O óbvio não é uma coisa que faz a diferença”, alerta.

Para sair do óbvio e aproveitar os benéficos da tecnologia, o editor de fotografia afirma que há um planejamento para que o trabalho fotográfico ganhe um grande impacto em relação aos outros elementos da edição.

Planejamos o trabalho fotográfico de grande impacto, como, atualmente, para os depoimentos importantes na Comissão Parlamentar Mista de Inquérito dos Correios. Para lá mandamos três repórteres, cada um pegando cada ângulo do depoente, por exemplo.

Depois de produzido o material fotográfico, o repórter-fotográfico tem autonomia editar as fotos, cerca de 10 normalmente, pois esse número depende do assunto que está sendo fotografado. Então, ele se conecta no sistema Wi-fi instalado no notebook e envia as fotos para o que Pedrosa denomina de centro nervoso, o Mesão, onde todas as fotos são recebidas e vistas.

³² O profissional tem 25 anos de experiência em fotojornalismo. Com uma trajetória singular, o editor começou trabalhando com o pai que era proprietário de um jornal em Brasília. Quando o pai assumiu a função de diretor industrial do Jornal de Brasília, Pedrosa se transformou em laboratorista. Passou a ser repórter-fotográfico do Correio Braziliense, em 1979, ficando lá até 1984. Na sucursal do Jornal do Brasil, em Brasília, ficou de 1984 a 89. Em 1989, entrou no Estadão, na sucursal de Brasília e em 2001 assumiu a Editoria de Fotografia, onde comanda mais de 40 repórteres-fotográficos.

³³ Entrevista concedida ao autor, na redação do Estado de S. Paulo, no dia 27.07.2005

*É o fotógrafo que tem condições de escolher as melhores fotos, pois ele que está no local. Então, as fotos caem no sistema e é realizada seleção para a capa do jornal, na reunião geral, às 17 horas, com editores-executivos e editores, onde passo as melhores fotos em um telão, o que aumenta o impacto.*³⁴

Nessa reunião, cada editor “canta” o que tem de melhor na sua editoria. Depois da escolha das melhores fotos para a capa, as outras fotos ficam liberadas, no sistema para a escolha pelo editor (colocadas no cardápio).

As fotos escolhidas para a capa são as principais e importantes para o desenho do jornal. “Na produção da capa, o nosso objetivo é encontrar a foto do dia, para colocá-la em 4 ou 5 colunas. Sempre há uma foto principal e as demais são periféricas”, afirma Arnaldo Affonso.

Já as outras fotos, colocadas no cardápio, e que são escolhidas pelo editor, têm um trabalho de edição (corte) realizado pelo diagramador. “Consigo visualizar as fotos no cardápio. Edito, faço os cortes (programa Newscrop) e envio para a fotografia, para que eles façam o tratamento (cor, luminosidade) na imagem”, explica o diagramador Glauco. A editoria de fotografia é responsável pela produção de material para o Estado de S. Paulo, Jornal da Tarde e Agência Estado. E O grupo Estado de S. Paulo assina os serviços fotográficos das agências Reuters, AF, EFE, AFP, além do New York Times.

Considerações finais

O processo de modernização da imprensa é evolutivo e contínuo. Ao longo da história, a experiência mostra que os produtos que conseguiram longevidade tiveram compromisso com a atualização tecnológica dos seus processos e da sua estrutura.

As modificações ocorridas no processo de planejamento visual dos jornais impressos, com periodicidade diária, não fogem dessa lógica. Devido à introdução das tecnologias modulação eletrônica de notícias e imagens, além do advento da fotografia digital, os profissionais tiveram que adquirir novas habilidades e se adaptarem aos novos sistemas implantados.

As novas ferramentas contribuem para diminuição dos prazos de fechamento, fatores críticos em uma produção industrial, invertem procedimentos de edição e

³⁴ Entrevista concedida ao autor, na redação do Estado de S. Paulo, no dia 27.07.2005

padronizaram os elementos visuais, que contribuem na consolidação da identidade visual da publicação, um dos fatores decisivos de diferenciação perante a concorrência.

Referências bibliográficas

AMADEU Jr, Ricardo. **Diagramação Eficaz**. São Paulo: Comarte, 2002

COSTA, Luciano Martins. **Quatro séculos de jornalismo**. Observatório da Imprensa, 8 de março de 2005. <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=319MCH001>. Acessado em 12 de março de 2005

GARCIA. Mario. **Diseño y Remodelacion de Periódicos**. Pamplona: Grafinas, 1984

KEENE, Martin. **Fotojornalismo: guia profissional**. Lisboa: Dinalivro, 2002

LAREQUI. Jesus Canga. **El diseño periodístico en Prensa Diária**. Barcelona: Tesys, 1994

PELTZER, Gonzalo. **Jornalismo Iconográfico**. Madrid: Planeta Editora, 1991

VIANNA, Ruth Penha Alves. **Infomatização da imprensa brasileira**. São Paulo: Edições Loyola, 1992